

A cidade viaja no tempo. De Santo Antônio do Paraibuna a Juiz de Fora

*The city through the time. From Santo
Antônio do Paraibuna to Juiz de Fora*

Edimilson de Almeida Pereira*

Resenha

BORGES, Célia Maia (org.). *Solidariedades e conflitos: histórias de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora. Juiz de Fora: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2000, 224 p.*

*"a cidade à deriva,
avançando mais e mais"*

Iacyr Anderson Freitas
In: Exercício Estrangeiro

As representações da cidade ultrapassam os limites que a definem como *locus* de interações e conflitos decorrentes de relações histórico-sociais concretas. Ao mesmo tempo em que pertence ao domínio da História (resultando das relações sócio-político-econômicas engendradas pelas coletividades e pelos indivíduos), a cidade se inscreve nas teias do imaginário, constituindo-se como outro *locus*, onde coletividades e indivíduos projetam suas abstrações.

* Professor do Departamento de Letras da UJF. Doutor em Comunicação e Cultura/UFRJ. Publicou as seguintes obras: *Negras Raízes Mineiras: os Arturos* (1988; 2.ed.1999). *Assim se benze em Minas Gerais* (1989). *Arturos: olhos do rosário* (1990). *Mundo encaixados: significação da cultura popular* (1992). *Do Presépio à balança: representações sociais da vida religiosa* (1995).

Convivem, simultaneamente, a lógica da cidade como espaço real e as possibilidades da cidade como espaço imaginado. Em ambos os casos, sobressai a tensão entre as forças da permanência e da transformação: a preservação dos bens materiais da cidade real entram em confronto com os apelos para a mudança desses bens; por sua vez, a cidade imaginada se realiza como *work in process*, alterada continuamente ante a impossibilidade de ser fixada como realidade concreta. Mas, vale frisar, tanto a cidade real quanto a imaginada se nutrem de contradições que sugerem transformações, adaptações, conflitos e sínteses, traços que explicitam o caráter dinâmico da cidade.

As águas que atravessam a conformação da cidade real e da cidade imaginada situam-nas uma diante da outra, estabelecendo um processo caracterizado pelas tensões. Isto é, ambas as conformações da cidade revelam-na como objeto inacabado, em aberto. Por mais que as coletividades e os sujeitos fixem o retrato histórico de uma cidade, ainda assim se defrontam com as outras formas possíveis que a cidade pode adquirir. Numa visão apocalíptica, a cidade é a sucessão de espaços que se nos escapam, configurando-se como a serpente pós-industrial devoradora das individualidades; numa perspectiva utópica, inaugura-se como a série de espaços que elegemos para servir de palco as nossas experiências, refletindo, por isso mesmo, nossa capacidade de organização da vida coletiva e individual.

Na medida em que é preciso relativizar a relação fantasmática entre as cidades real e imaginada, as coletividades e os indivíduos procuram apreendê-las através do discurso, fazendo com que este atue como elemento mediador no processo de construção dos espaços a serem habitados. Em vista disso, as informações tecidas acerca da cidade se tornam tão relevantes quanto a sua estrutura física e o seu sistema de administração. A cidade comentada, isto é, contida no discurso, participa ativamente da trajetória dos indivíduos, filtrando-se através das efemérides, notícias de jornal, conteúdos didáticos, produções imagéticas, etc. O discurso sobre a cidade compreende uma teia de interações e conflitos, reveladores das tendências estéticas e ideológicas que a coletividade utiliza para justificar as suas representações das cidades real e imaginária. O discurso surge, assim, como instância de legitimação das ações relacionadas à construção (e mesmo à destruição) da cidade e dos sujeitos que a povoam.

Essas inferências podem ser medidas a partir da leitura do livro *Solidariedades e conflitos: histórias de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora*, organizado pela professora Célia Maia Borges, publicado pela Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora. Além do prefácio da organizadora, a obra apresenta cinco capítulos, assim distribuídos: "Cotidiano dos portugueses em Juiz de Fora: 1840-1940" (Prof^a Cláudia Maria Ribeiro Viscardi); "Negros: famílias solidárias e desafios urbanos" (Prof^a Mônica Ribeiro de Oliveira); "Confli-

tos e empreendimentos: a trajetória dos alemães” (Prof. Luiz Antônio Valle Arantes); “Italianos: trabalho, enriquecimento e exclusão” (Prof^a Maraliz de Castro Vieira Christo) e “Sírios e libaneses: redes familiares e negócios” (Prof^a Ludmilla Savry Almeida). Segundo a organizadora, o livro “procurou resgatar a memória de parte dos grupos sociais que moldaram a história da cidade de Juiz de Fora” e, sob essa perspectiva, “mostra a dinâmica desses grupos, a sua chegada aos lugares de destino, as razões da sua vinda, como se fixaram na região, as dificuldades encontradas, os conflitos que travaram, mas, sobretudo, as redes de solidariedade articuladas como forma de sobreviver e enfrentar os infortúnios” (p.9).

Esse índice alude à importância que os autores atribuíram à forma de condução da pesquisa, aos modos de elaboração do discurso sobre a cidade e às relações estabelecidas entre os diferentes grupos que a formaram. **A forma de condução da pesquisa** demonstra que a investigação sobre determinadas realidades significa, muitas vezes, garimpar em lavra de difícil acesso. É o que ocorre, com frequência, quando se trata de realizar a análise da formação das cidades. Conhece-se largamente a bibliografia de textos históricos que, nos limites de sua tessitura discursiva, fornecem dados acerca dos processos de ocupação e desenvolvimento dos espaços urbanos. São, em muitos casos, obras guiadas pelas observações afetivas, interessadas no registro de efemérides, de fatos folclóricos e de genealogias das “grandes” famílias locais.

Sem deixar de reconhecer o mérito dessas obras, deve-se considerar o fato de que as cidades real e imaginada nascem de uma teia de discursos sendo necessário, portanto, atentar para as várias maneiras de “narrar” a origem e o desenvolvimento de um município. No que diz respeito a Juiz de Fora, os fios estendidos pelos ensaios de *Solidariedades e conflitos* ampliam as imagens que podem ser tomadas como representações da cidade. Destaca-se no livro a percepção da história da *urbe* como um tecido permeado de lacunas, que apontam para os esquemas de exclusão de certos grupos (“A família cativa como manifestação da subjetividade escrava, o parentesco como estratégia de sobrevivência ao cativeiro /.../ Constituem-se em verdadeiras lacunas da historiografia local”, OLIVEIRA, p. 61); para os embates entre as atividades econômicas da região (“A razão para a atração de imigrantes para a construção da rodovia é clara: o país carecia de mão-de-obra, sobretudo mão-de-obra especializada. /.../ Mas no que se refere à atração de imigrantes destinados à agricultura, tal razão torna-se opaca”, ARANTES, p. 91) ou para as dificuldades em definir o ritmo de ocupação da cidade (“a presença de italianos em Juiz de Fora data do período anterior à política oficial de subvenção à imigração, de 1887 /.../ Embora sejam poucas as fontes sobre esse período, há indícios de que a chamada imigração espon-

tânea trouxe à cidade, principalmente, mascates e negociantes”, CHRISTO, p. 129).

Solidariedades e conflitos sugere que a existência de lacunas nos textos da historiografia local merece ser considerada como estímulo à ampliação dos debates acerca dos processos de formação do município, bem como do próprio papel do historiador. Se a história da cidade é um tecido de discursos, aqueles que o tecem - historiadores, artistas, políticos e a população em geral - precisam assumir criticamente “o risco do bordado”¹ que estão produzindo. Ou seja, as cidades real e imaginada emergem do entrecruzamento de discursos. Para que isso ocorra, é indispensável que a coletividade e os indivíduos saibam articular espaços democráticos que viabilizem o diálogo entre as diferentes representações da cidade, instância em que se evidenciarão, também, os modos de vida e os anseios dos grupos que a constituem.

Quanto aos modos de elaboração do discurso, *Solidariedades e conflitos* alerta para a ruptura do idílio em torno de uma Juiz de Fora identificada como *locus* de anulação das hierarquias que vigoraram nas relações entre senhores e escravos. Os estudos mostram, ao contrário, a reconfiguração das hierarquias no contexto pós-abolição, exprimindo-se num intrincado sistema de relações entre patrões e operários, senhoras e domésticas, empregadores e imigrantes. Esse ponto de vista não desconsidera a vitalidade do discurso idealizante - que desenha o idílio e revela a cidade como território de realização dos sonhos, da felicidade e do bem-estar -, mas o reavalia à luz das condições histórico-sociais objetivas. Pelas lentes da análise articulada a partir dos elementos macro e microeconômicos/ macro e micropolíticos, bem como das subjetividades, realçando as histórias de vida - vem à tona outra possível imagem da cidade, que convida seus atuais habitantes a uma reflexão autocrítica.

Destrançar os modos de elaboração do discurso evidencia a formação de Juiz de Fora como uma babel nacional (que acolheu brasileiros livres, e em determinados momentos escravos, de várias províncias) e internacional (que recebeu imigrantes de diversas partes do mundo). Em linhas gerais, a estrutura econômica local absorveu esses grupos ressaltando sua qualificação profissional e vendo nisso um critério objetivo para aplinar as diferenças. Porém, o mesmo não ocorreu no âmbito das relações sociais, ou seja, nas maneiras como os grupos e os indivíduos estabeleceram as suas imagens para a cidade e atenderam aos apelos para construir as suas identidades na vida cotidiana.

Sob esse aspecto, o eixo “solidariedades e conflitos” indica

¹ CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

mais do que uma dicotomia, pois se torna um recurso teórico para observar a cidade como território de possibilidades. Nesse ponto, investigar as subjetividades demonstra que as redes de oposições (conflitos) e interações (solidariedades) se articularam numa relação de interdependência, formando jogos em que as representações e os significados estavam em permanente estado de reelaboração. Para visitar os labirintos da babel juizforana não basta pensar apenas na oposição entre imigrantes e ex-escravos, já que tal operação não esgotou a relação entre esses grupos. As tramas sociais demonstram que ex-escravos e imigrantes se aproximaram sob o mesmo teto de representação, especialmente, sob o teto que abrigou as formas de vigilância e exclusão ("Entre os imigrantes que vieram a Juiz de Fora os portugueses foram as maiores vítimas de preconceito, muito embora a 'lusofobia' tenha sido ofuscada pelo peso das inúmeras continuidades entre os dois povos.", VISCARDI, p. 29; "Havia uma clara preocupação das elites agrárias e urbanas com o controle e repressão da vadiagem, exigindo leis que regulamentassem o trabalho dos libertos.", OLIVEIRA, p. 63; "Apesar dos conflitos existentes entre os próprios imigrantes italianos, as ameaças externas levam a interessantes demonstrações de solidariedade, principalmente quando a ameaça parte da autoridade policial.", CHRISTO, p. 166).

A abordagem do discurso sobre a cidade, na medida em que considera a subjetividade dos atores sociais, explicita os mecanismos que estes utilizam para compreender a organização da ordem política e econômica de sua região. O contexto de Juiz de Fora revela como esse processo é relevante, uma vez que o imigrante, antes de desenhar o perfil de seu novo espaço, teve de se preocupar com a definição de sua identidade ainda na terra de origem ("Ambos os termos - turcos e árabes - são generalizantes, e muitas vezes encobrem especificidades significativas, que não podem deixar de ser consideradas.", ALMEIDA, L. 185). O estudo da subjetividade mapeia, por um lado, os esquemas urdidos pelos grupos ao enfrentarem situações em que era difícil promover aproximações entre si (ver o conflito entre os redentoristas holandeses e os colonos alemães no tocante à administração dos cultos e bens religiosos, ARANTES, p. 119); por outro, os esquemas tecidos para estabelecer a defesa de interesses comuns (cf. a formação das associações de socorro mútuo entre os portugueses, VISCARDI, p. 34; a afirmação do "parentesco ritual" entre a população negra, OLIVEIRA, p. 61; o ingresso de sírios e libaneses em associações de comerciantes locais, ALMEIDA, p. 201).

Ante essa teia discursiva, a cidade se configura menos como lugar de sínteses idealizadas e mais como lugar múltiplo, atravessado por relações de interações e conflitos. As tensões registradas nas vivências cotidianas indicam a existência de diferenças econômicas, políticas, étnicas, lingüísticas e culturais que, por sua vez, apontam

para a formação de uma ordem social permeada pelas contradições. Por isso, as negociações se tornaram uma prática constante para os grupos e os indivíduos, ressaltando o perfil de uma sociedade marcada pelas diversidades, embora empenhada, muitas vezes, em dar visibilidade apenas aos processos de síntese. Por conta disso, nos momentos em que a diversidade deixou de ser considerada, insinou-se a face de uma cidade nervosa, ameaçadora, cujas desigualdades transpareceram - e transparecem - nas estratégias de resistência e sobrevivência que indivíduos e grupos foram obrigados a engendrar.

A partir desse cenário, a análise das **relações entre os grupos que formaram Juiz de Fora** produz uma série de informações, que situam a constituição do saber local sobre as relações culturais no âmbito global da constituição dos saberes a respeito dessas mesmas relações². Sob o ponto de vista antropológico, a trajetória de portugueses, italianos, alemães, sírios e libaneses concretizada como a presença de estrangeiros em terras da Mata Mineira se inscreve, simultaneamente, na experiência universal das populações migrantes. Por outro lado, as iniciativas de resistência dos negros à escravidão, vivenciadas nos limites das fazendas e bairros juizforanos, participam dos *scripts* gerais das coletividades que, baixo um sistema de opressão, articularam esquemas sociais alternativos. Sob o ponto de vista histórico, as trajetórias de imigrantes e negros em Juiz de Fora foram traçadas nas páginas da historiografia local mas foram inscritas, igualmente, nos livros da historiografia nacional. Vale frisar que o diálogo entre esses pontos de vista nos ajuda a compreender as estratégias que permitiram aos imigrantes atualizarem na cidade “práticas comuns nas demais regiões do Brasil, bem como na Europa” (BORGES, p. 11), do mesmo modo que possibilitaram aos negros da Mata Mineira estabelecerem redes de parentesco, que foram tecidas também em outras regiões do país (OLIVEIRA, p. 61).

Dado o exposto, *Solidariedades e conflitos: histórias de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora* representa uma importante contribuição à historiografia brasileira contemporânea, pois se ocupa de temas que delinearão uma das áreas sócio-político-culturais mais expressivas do país. A Juiz de Fora que emerge do livro tem uma face desafiadora, impondo-se como cidade concreta e grávida de representações imaginárias. Por isso, as questões referentes à administração pública, às políticas sociais, às relações étnicas e à preservação do patrimônio cultural - consideradas pelos ensaios, direta ou indiretamente - se tornam relevantes, na medida em que apontam para as discussões a respeito da cidade atual e futura, bem como das subjetividades da população que a habita. Longe de encerrar os debates

2 cf. GEERTZ, Clifford. *O saber local*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 249.

sobre esses temas, *Solidariedades e conflitos* tem, entre outros méritos, a capacidade de estimular novas análises e aproximar diferentes metodologias. Ao assumir as dificuldades inerentes a esse tipo de investigação, que entrecruza objetividade e subjetividade, os autores assumiram também, os riscos de traçar e seguir novas linhas interpretativas - aspecto, aliás, indispensável, em se tratando da produção do conhecimento.

Resenha recebida em dezembro de 2000